



Pela manutenção de "A Batalha"

Se nas horas graves que este jornal tem atravessado o operariado tem vindo em seu auxílio, amparando-o com uma dedicação inexcusável para que ele não despareça do campo de combate, compreendendo assim a sua elevada missão perante a sociedade, nesta conjuntura difícil em que se encontra actualmente, estamos certos que se repetirão os mesmos gestos de simpatia e solidariedade por parte dos seus numerosos amigos e extenuados defensores.

Já ontem tivemos ocasião de lembrar, dum maneira geral, aliás, os transes extremamente embarcados da já longa vida — e exactamente por esse facto — de "A Batalha". Pois essas dificuldades são dia a dia agravadas por um sem número de circunstâncias que nunca nos causam admiração, nem aos que de perto acompanham a sua vida.

Quem, como o operariado, conhecer as manobras traícieiras dos seus inimigos, os seus processos, as suas calúnias e os meios de que se servem para aniquilar os seus organismos de resistência, sabe muito bem que "A Batalha", enfrentando sempre as mais duras contingências, teve invariavelmente por apoio a sua forte união e o seu entusiasmado acolhimento.

As violências, de mil maneiras engendradas com o fim de reduzirem ao silêncio este clarim de revolta, já mais foram postas em execução sem que o seu eco estridente reboasse por todo o país, unindo os trabalhadores à volta d'este baluarte.

E é sempre de pé, ativo e eloquente, manteve-se na luta.

Mas essas violências continuas exercidas sobre os trabalhadores, reflectem-se naturalmente na vida dos seus organismos sindicais e daí, a virgem de degrau em degrau e, por último, atingir o seu órgão na imprensa, que, não tendo outras refeitas que não sejam as provenientes do esforço dos produtores conscientes, não pode de forma alguma dispensar as que lhe são destinadas para a sua manutenção.

Mas os acontecimentos que à volta da organização operária nos últimos tempos têm surgido, dificultando o seu regular funcionamento e provocando os inconvenientes já citados, trouxeram novos embarques à vida do jornal que, em defesa da liberdade, dos interesses do operariado e das regalias populares, tem dedicado a sua existência, ante toda a espécie de patifarias que atrevemente se hão cometido neste país.

E surge então este dilema: ou os trabalhadores acorrem ao chamamento que lhes vai ser dirigido para que, mais uma vez, se manifestem perante o perigo que cerca o jornal defensor dos seus direitos ou terá que tomar-se uma resolução — pela primeira vez — que, não sendo de boa tática em qualquer altura, muito menos o seria no momento que passa em que a sua ação mais se faz sentir, como jornal independente de todas as clientelas políticas ou económicas.

O operariado vai certamente provar mais uma vez a sua admirável noção do valor do jornal que, sendo o porta-voz dos seus direitos, é também o maior paladino do bem estar da humanidade sacrificada a todas as opressões.

Ao apelo que o Comité Confederal se vê neste momento obrigado a dirigir-lhe, ele corresponderá, como sempre, fazendo os maiores sacrifícios até, para que a voz do jornal, que é a sua, se não extinga para glória dos seus inimigos, desejosos há muito de o verem prostrado, qual leão ferido mortalmente pelas balas traícieiras dos que nas encruzilhadas dos caminhos se encobrem no mato.

MOVIMENTO MARITIMO

Entraram ontem, no nosso porto, os vapores noruegueses "Kofoas", de Nervast e "Lezina" de Barry Dock, ingleses "Wynning", de Newport, os três com carvão, e "Cinco", de Liverpool; alemão "António Delfino", de Antwerp e Bilbau; "António Delfino", de Hamburgo, Soulegr e Vigo, com 34 passageiros para Lisboa e 664 em trânsito, os três com carga diversa, e o veleiro francês "Pierre Tristan" de Lorient, com lastro.

Despacharam para sair os vapores espanhóis, "isa" para Valência e "Cabo Ortegal" para Bilbau, Vigo, Líon e Sevilha; alemão "António Delfino", para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, com passageiros, todos com carga diversa, e o veleiro francês "Noaldwyk" para Bilbau, vazio.

Responde-se, com um conselho amável, a uma diatribe do director das "Novidades"

ver e fazer as quatro operações aritméticas.

Quando se nasceu assim, ou se arranja uma pessoa que acolhe — um director de facto — ou regressa-se ao seio da família feito papá modelar, sogro conspicuo, esposo amantíssimo, admitindo nôs que reúna para isso tódas as qualidades afectivas e morais, ou vai-se para o serião expor aos pretinhos pequeninos os perigos do inferno a que as almas transviadas se arriscam. Esqueça o sr. Gamboa o orgulho que lhe faz supor os seus colarinhos um título de glória e siga este conselho, que lhe é ditado sem nenhuma espécie de hostilidade pela sua pessoa altamente infensiva, convertida pelos agentes do Papa Negro em incitador de torpes.

Vá para casa distrair-se com a família ou vá para o sertão converter os pretinhos com o chicote dos temores divinos e com uma oportuna distribuição de maus rebuados de alentejo. E acredite que terá nissos grandes vantagens, além da que nos daria poupar-nos o nosso tempo, que ameaça ser "gamboeirado" volta e meia.

* * *

Gamboa conta uma história ocorrida entre o fascismo e a C. G. T. italiana, para pedir ao governo que atenda as reclamações da classe operária — as tais que éramos conhecidas — que achar atendíveis e não atenda as outras. Feito isto, sumariamente, uma liquidação de contas com um falso sem categoria.

Resignamo-nos — e vamos julgar do recado que o fantoche desempenhou. Estranha o homem dos colarinhos esticados que a "Batalha" tenha recebido a saudação dum simpatisante que acha a sua existência mais necessária do que nunca. Ora isto não será vontade de nos "gamboeirar" a paciência?

Como se não saltasse aos olhos mais infelizes que a crise em que o operariado se debate e a crise em que se encontra a liberdade tornam cada vez mais necessária a existência deste jornal!

Chama-se a isto concorrer ao primeiro prémio dum concurso de incomprensões. E como para mais altas cavalarias o fadaram resolve também concorrer a um concurso de ignorantes apresentando como prova documental esta adorável declaração:

“Não sabemos ainda quais sejam aquelas concessões, e as condições de vida social em que o proletariado nacional se jogue empenhado.

Um director de jornal não tem o direito de se mostrar tão supinamente ignorante da maior de tódas as questões que agitam as sociedades contemporâneas: — a questão social. Igualmente, por pudor, devia ocultar que ignora a natureza das reclamações das classes trabalhadoras, tantas vezes formuladas e tantas vezes reproduzidas nas colunas deste jornal. Esse grau de incomprensão só se encontrará entre os lapões ou entre as tribus dos partantins do Amazonas.

Um homem que de tal modo se revela não tem direito, e nem mesmo na África ou no Tibet lhe reconheceriam, de confrontar com a sua encalhe declarada não só a dignidade das pessoas cultas como a de moral cristã.

Se éres são maus, aplicados aos católicos, como podem ser bons quando aplicados a C. G. T. Neste ponto é que o Gamboa está inocente. E' esta a moral católica: "faz aos outros aquilo que tu não queres que te façam a ti"; perfeitamente antagônica à moral cristã.

Quanto à apologia do fascismo ainda estaremos lembrados da campanha que as "Novidades" promovem contra Mussolini, no momento em que os fascistas em Itália agrediam a saída das igrejas os católicos a tiro, e na qual se afirmava que os seus métodos políticos mereciam ser acremente condenados.

Se éres são maus, aplicados aos católicos, como podem ser bons quando aplicados a C. G. T. Neste ponto é que o Gamboa está inocente. E' esta a moral católica: "faz aos outros aquilo que tu não queres que te façam a ti"; perfeitamente antagônica à moral cristã.

O novo volume da "Colecção de Hoje" é constituído pelo célebre romance do grande humorista francês Clement Vautel: "Uma menina sem cerimónia".

Trata-se dum charge admirável do costume que os governos têm de fazer propaganda patriótica, missão essa que no romance de Vautel é entregue a uma rapariga parisiense, que corre na América do Sul as mais extravagantes aventuras.

Deliciosamente caricaturados, os personagens deste romance são tipos da nossa época — quais todos videntinhos, insínceros, farcantes. Páginas da vida contemporânea, as de "Uma menina sem cerimónia" fazem sorrir, pelo seu humorismo, e pensar, pela critica mordaz que contém a corrupção dos chamados meios elegantes.

Trata-se dum charge admirável do costume que os governos têm de fazer propaganda patriótica, missão essa que no romance de Vautel é entregue a uma rapariga parisiense, que corre na América do Sul as mais extravagantes aventuras.

Seguir-se-há por um exímio grupo musical a execução de composições musicais com letra esperantista, estando a parte coral a cargo de "Novaj Vojancj".

E' de esperar que os esperantistas de Lisboa ocorraram a esta sessão comemorativa da morte do autor do Esperanto.

A arte e os artistas

Realiza-se amanhã, pelas 15 horas, a abertura, para a imprensa, da exposição anual de pintura e escultura da Sociedade Nacional das Belas Artes. A exposição inaugura-se na Batalha.

A crise em Setúbal

Só amanhã poderemos continuar tratando da grave crise que assola as classes trabalhadoras de Setúbal.

Por dizer mal...

Encontra-se na Penitenciária o nosso camarada de redacção Alfredo Marques.

Traíto-se dum pretexto fútil que nos prendeu a ele da sua liberdade. Não discutimos o motivo da prisão, tão pueril é se nos apresenta, tanto mais tratando-se de um jornalista que tem, profissionalmente, o dever de tratar tudo quanto constitua um assunto oportuno.

«No grande e horrível crime de que o acusam, o nosso camarada de redacção tem um cúmplice: Dário Nôvoa, da direcção da Associação dos Caiçaras que foi para a Penitenciária fazer-lhe companhia.

Comprimentos

Veio ontem a esta redacção apresentar-nos as suas saudações o dr. sr. Carlos de Sequeira Cille, secretário da redacção de A Capital, de São Paulo, recentemente chegado do Brasil.

Secção telegráfica

Federações

METALÚRGICA

Sindicato M. da Marinha Grande

Recebemos dinheiro. Pedimos respostas urgentes aos nossos ofícios.

Sindicatos Metalúrgicos de Évora e Aljustrel

Respondam até ao dia 15 do corrente.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 350.

Entre Vinhais e Pormares (novela), por Mário Domingues, 650.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 650.

A' venda nas livrarias e na administração da Batalha.

Depósito: "Livraria Renascença", rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

CASAS DE «PREGO»

Intensifica-se o apoio à campanha de "A Batalha"

A campanha que "A Batalha" tem sustentado nas suas colunas, felizmente, tem produzido os seus efeitos morais. Isto nos consola e demonstra que tódas as causas a que a Imprensa honesta se entrega, tarde ou cedo, produzem os resultados desejados.

E a campanha que encetámos contra as almas inqualificáveis dos prestamantes de pressa conseguiu realizar uma forte opinião em torno da questão.

E prova provada do que afirmamos, as inúmeras cartas que temos recebido com queixas fundamentadas contra os abusos dos donos de "casas de prego", além das visitas que diariamente recebemos de pessoas das mesmas, que vêm encorajar na luta traçada e fornecendo-nos elementos para prosseguirmos na nossa tarefa.

Em muitas dessas queixas, contadas com olhos marejados de lágrimas, e que revelam os a que pode chegar a ganância do homem, custar-nos-a acreditar, se não fosse, as informações particulares, que costumamos colher, das casas que nos afrontam.

Que baixeza de carácter, que miserável é vida de certos homens, quando pretendem vencer na vida, sem repararem, ao menos, que na voragem das suas ambições, prejudicam grandemente a criança, a mulher, o velho insolido!

E' provado que a organização sindical deve apagar toda a característica económica do movimento sindical. A orientação torna-se mais política, com um largo critério de oportunidade, ao ponto de se ligar à pequena burguesia por considerar que essa ligação é uma imperiosa necessidade do actual momento.

Os militantes operários defendem o princípio de que a organização sindical deve contribuir primeiramente para a normalização social do país e, depois, ocupar-se exclusivamente das questões económicas e profissionais e destruir, então, completa autonomia.

Através destas informações se poderá compreender o aspecto do próximo congresso operário nacional chinês.

O movimento sindical na China é de fundação recente. Os sindicatos têm uma constituição semelhante aos da Europa. De 1 a 6 de Maio de 1922 realizou-se o primeiro congresso, em Cantão, assistindo 162 delegados que representavam 200 sindicatos, os quais pertenciam cerca de 40.000 trabalhadores. Entre as resoluções tomadas figuram as seguintes reivindicações: Oito horas de trabalho; subsídios na greve; criação de um organismo nacional; constituição de sindicatos por indústria; regalias económicas e profissionais; abstenção perentória de toda a ação política.

No segundo congresso, que se efectuou em Maio de 1925, também em Cantão, a orientação geral do movimento não foi modificada. O terceiro congresso, reunião em Maio de 1926, teve maior importância. Assistiram 400 delegados, que representavam outros tantos sindicatos, onde se aglomeravam 1.240.000 trabalhadores de 19 províncias diversas. Os problemas mais instantes do movimento operário foram demoradamente discutidos, tomando-se resoluções acérrimas de reorganização e funcionamento dos sindicatos, objectivos e propaganda, luta económica, greves, relações entre o operário e o camponês, educação proletária, juventudes no movimento sindical, crise de trabalho, cooperativismo, legislação de trabalho, direito de associação e condições de trabalho.

O movimento operário chinês desenvolve-se principalmente nas regiões tomadas pela república de Cantão, porquanto, o seu desenvolvimento é de fundo sindical e os cantonenses têm a maior concentração de sindicatos, o que é de grande conveniência política em não perseguir o movimento sindical porque encontra nele um poderoso exército auxiliado por sindicatos de trabalhadores.

O movimento operário chinês desenvolve-se principalmente nas regiões tomadas pela república de Cantão, porquanto, o seu desenvolvimento é de fundo sindical e os cantonenses têm a maior concentração de sindicatos, o que é de grande conveniência política em não perseguir o movimento sindical porque encontra nele um poderoso exército auxiliado por sindicatos de trabalhadores.

O movimento operário chinês desenvolve-se principalmente nas regiões tomadas pela república de Cantão, porquanto, o seu desenvolvimento é de fundo sindical e os cantonenses têm a maior concentração de sindicatos, o que é de grande conveniência política em não perseguir o movimento sindical porque encontra nele um poderoso exército auxiliado por sindicatos de trabalhadores.

O movimento operário chinês desenvolve-se principalmente nas regiões tomadas pela república de Cantão, porquanto, o seu desenvolvimento é de fundo sindical e os cantonenses têm a maior concentração de sindicatos, o que é de grande conveniência política em não perseguir o movimento sindical porque encontra nele um poderoso exército auxiliado por sindicatos de trabalhadores.

O movimento operário chinês desenvolve-se principalmente nas regiões tomadas pela república de Cantão, porquanto, o seu desenvolvimento é de fundo sindical e os cantonenses têm a maior concentração de sindicatos, o que é de grande conveniência política em não perseguir o movimento sindical porque encontra nele um poderoso exército auxiliado por sindicatos de trabalhadores.

O movimento operário chinês desenvolve-se principalmente nas regiões tomadas pela república de Cantão, porquanto, o seu desenvolvimento é de fundo sindical e os cantonenses têm a maior concentração de sindicatos, o que é de grande conveniência política em não perseguir o movimento sindical porque encontra nele um poderoso exército auxiliado por sindicatos de trabalhadores.

O movimento operário chinês desenvolve-se principalmente nas regiões tomadas pela república de Cantão, porquanto, o seu desenvolvimento é de fundo sindical e os cantonenses têm a maior concentração de sindicatos, o que é de grande conveniência política em não perseguir o movimento sindical porque encontra nele um poderoso exército auxiliado por sindicatos de trabalhadores.

O movimento operário chinês desenvolve-se principalmente nas regiões

DE COIMBRA

Carta Literária

Ele e a Arte

Considerar-se que um homem seja doido à força, isso nunca!

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra!

Ele não é um doido vulgar. Não! Ele é o original do suicida, é um tarado diplomata... que sabe perfeitamente disfarçar algumas vezes ataques de loucura.

No seu crânio de antropóide há todas as deformações somáticas e psíquicas que nos permitem deslizar, sob os pontos de vista criminológico, psiquiátrico e antropológico, como um monstro.

Mas ele é um monstro original, um monstro genial, um monstro com talento.

Este paranoico, com crânio de antropóide, é um deplomaniaco hereditário.

Não ri, não chorá. Só sarcasmo ódio.

Um doido varrido não tem a arte de representação.

Ele, pelo contrário, é comediante, dramaturgo, tartufo, caricatura e D. João.

No lupanar é o comprador da prostituição.

No artigo difícil de D. João e aquele vassalo ajoelhado aos pés dumha rainha, que tanto pode chamar-se Isabel como Arminda...

É o protótipo do concupiscente triunfante.

Na política é o serventuário, o lacaiô prudente, o cão atraç da lebre, pronto a devorá-la.

No teatro, a sua representação destaca-se, e tanto assim que o público coimbrão diverte-se...

O gênio—vizinho da loucura e seu irmão gêmeo—acaba de afirmar-se no desempenho magistral da seguinte peça:

• A' procura dum correspondente.

A distribuição dos papéis foi assim feita: Sherlock-Holmes—Ele.

Suposto correspondente—Sr. G. Ferreira.

Ponto—Sr. Cruz.

A cena representa um gabinete modesto de Javert. Sobre uma secretária vários objectos e pendente, um pingalim de cavalo-marinha.

A cena mete polícia, automóvel, elétrico, etc.

O ponto não comparece, devido a ter adocicado. Mas, graças a Deus... os papéis foram representados com arte, com manha e com inteligência.

**

Sobe o pano. É de dia. No relógio da Sé batem pausadamente as 4 horas. Assentado está Ele, que escreve apressado, numa grande tensão nervosa. Cachimbo ao lado, boca torta, rosto esquálido, um rictus de idiota nos lábios. Enfim, a caracterização completa de S. Holmes...

Um lacaiô de uniforme anuncia a chegada dum cavalheiro. É o suposto correspondente. O cenário muda repentinamente, como a fisionomia dele. Há rumores, cai um livro, etc. Uma máscara de furor substitui a de idiota no seu rosto. Ele está enfurecido.

Entre o suposto correspondente. A vítima escolhida o proprietário da cursual do S. Lourenço.

O suposto correspondente (perplexo)—V. Ex. dá licença?...

S. Holmes (tentando demonstrar serenidade)—A' vontade. Faça o favor de sentar-se. Sabe o que o traz por cá, não é verdade?

O suposto correspondente (surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

S. Holmes (encarando o correspondente e colocando o cachimbo em cima do seu cavalo-marinha)—Tenho conhecimento de que o senhor se corresponde com o jornal A Batalha e que nele tem escrito uns artigos...

O suposto correspondente (mais surpreendido)—Eu?... V. Ex. está equivocado?—Eu?... V. Ex. está equivocado?...

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e puericultura—Dr. Armando Narciso—A. 6 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—8 horas.
Mamas, vírginas—Dr. Miguel Magalhães—13 horas.
Fiebre Sifílica—Dr. Correia Figueiredo—11 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.
Doenças dos ossos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Gengivite, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—10 horas.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—31 horas.
Doenças das membranas—Dr. Emílio Paiva—2 horas.
Doenças das crânias—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Ribeiro—5 horas.
Loca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Câncer e radio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raio X—Dr. Aleu Saldanha—8 horas.
Anestesia—Dr. Gabriel Beato—1 hora.



Os sabonetes desta fábrica são os melhores e mais baratos

Peçam-nos em toda a parte

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em duas partes, em duas páginas, é um relato histórico, documentalíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social, que, sob formas diversas e variadas sistemáticas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1000 paginas.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º—«La era de la esclavitud»
- 2.º—«La rebelión de Espartaco»
- 3.º—«Abolición de la esclavitud»
- 4.º—«Abrección y Servidumbre»
- 5.º—«La revolución de los siervos»
- 6.º—«La miseria de los agricultores»
- 7.º—«Transformación del Poder Feudal»
- 8.º—«El comunismo cristiano»
- 9.º—«Los miserables en la Edad Media»
- 10.º—«La libertad ilusoria»
- 11.º—«La agonía del absolutismo»
- 12.º—«El trabajo motor universal»
- 13.º—«El imperio de la guillotina»
- 14.º—«Las luchas sociales y la revolución francesa»

15.º—«Los primeros tiempos del salario»

16.º—«Hospitales, cárceles y asilos»

17.º—«Las cruezas de la burguesía republicana»

18.º—«Los héroes de la Comuna»

19.º—«Horribles matanzas de Comunistas»

20.º—«La República Española y la clase obrera»

21.º—«La Primera Internaciona»

22.º—«El socialismo ante el Parlamento español»

23.º—«El futuro obrero profetizado por Castelar»

24.º—«Pi y Margall confunde a los enemigos del socialismo»

25.º—«Los precursores del Proletariado moderno»

26.º—«Crueldades burguesas»

27.º—«Los mártires de Chicago»

28.º—«Muerte heroica de cinco proletarios»

29.º—«El proletariado en América»

30.º—«Los dictadores mexicanos»

31.º—«Conclusión»

A venda na administração de "A Batalha"

de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paul Lefort

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva

Cartas políticas, por João Chagas

diversos números, cada exemplar

A Humanidade, por Taras Javol

A Aborto, pelo Dr. Confeymon e I. Budin

Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchoter

Os gatos, por Fábio de Almeida

os três primeiros números da 2.ª série

O Mitratismo, pelo prof. Almeida Paiva

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia

A Filosofia perante a História, por Nobre França

Os direitos do Estado, por A. Lévisse

Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho

O que é o socialismo, por E. Soisson

O corpo humano, por A. Lévisse

Gravidez e parto, pelo Dr. Desvermeaux

Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira

Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira

O concílio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas

A BATALHA

NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

CITROËN

(Palhinha amarela)

DA Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as provéncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:
Calçada do Comércio, 30-A, 2.º

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

LEILÃO

Em 25 do corrente e dias seguintes, às 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados e, em virtude do Aviso ao Públ. A. n.º 1 de Fevereiro de 1920, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de despesas acessórias, proceder-se-há à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos convidados, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito à Companhia, para que terão de dirigir-se à Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 23 do referido mês, das 10 às 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazém situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventas pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apolónia, diante do gradeamento.

Lisboa, 8 de Abril de 1927.—Pelo Director Geral da Companhia, o Engenheiro Sub-Director, Lima Henriques.

AVISO AO PÚBLICO

(14.º Aditamento ao Aviso ao Públ. A. n.º 103)

Camionagem entre a estação de Estarreja, Pardelhas e várias outras povoações das freguesias de Veiros e Murtoza

Previne-se o público de que, a partir de 10 de Abril de 1927, é suspenso provisoriamente o serviço da camionagem entre a estação de Estarreja e as povoações de Veiros, Santa Luzia, Monte, Igreja da Murtoza e Pardelhas, combinado com a Empresa de Transportes da Murtoza, Ltd.º.

Por este motivo cessa, a partir da mesma data e até novo aviso, a venda de bilhetes diretos e de para as referidas povoações, cessando também temporariamente o despacho de bagagens, recovagens e mercadorias de e para o Despacho Central de Pardelhas.

Lisboa, 6 de Abril de 1927.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Arquitectura

Revista mensal, acaba de sair o n.º 3. A venda na administração de "A Batalha", Preço 3\$00, pelo correio 3\$60.

Castillon, enchendo um cartucho.—Morra Thiers, o pequeno burguês!... Morram os seus cúmplices!... Ao candieiro todos os traidores!

A sr.ª Lebrenn.—O mesmo medo e a mesma desconfiança que em 1793, por parte da burguesia. Hoje, como então, a burguesia está pronta a rojar-se aos pés do rei para lhe implorar que a proteja contra a Revolução.

Marik.—Qual é a atitude de Tiago Lafite? Mostre-se decidido para a luta!

João Lebrenn.—Não lhe falta a coragem cívica. A sua casa é ponto de reunião do partido orleanista, que se agita muito, mas não tomou nenhuma resolução energética.

A sr.ª Lebrenn.—La Fayette coloca-se ao lado do povo?

João Lebrenn.—La Fayette continua a ser o mesmo homem que nós conhecemos há quarenta anos: indeciso, volvetei, incapaz de tomar uma resolução. La Fayette é de todos os partidos.

A sr.ª Lebrenn.—O general La Fayette bem sabe que a sua vida corre perigo se Carlos X triunfar na luta que se vai travar.

João Lebrenn.—A coragem do general está fora do alcance de toda a suspeita; mas a sua falta de energia pode ter consequências desastrosas para a nossa causa.

A sr.ª Lebrenn.—Ele goza de grande popularidade e pode aspirar à presidência da República.

João Lebrenn.—Os nossos amigos declararam-lhe hoje que, no caso de triunfaros, contávamos com él para a presidência, se conseguissem proclamar a República. Ele respondeu que não tinha ambições nenhuma, e que era preciso ver o que davam os sucessos.

Neste momento, o pintor de batalhas Martim, antigo comandante dos voluntários parisienses, entrou na loja com Duresnel; cada um deles trazia uma espingarda de caça e uma bôlha cheia de cartuchos.

Martim e Duresnel, chefe dos mais graduados na

carbonária republicana, tinham tomado parte em quase todas as conspirações que se sucederam durante o governo dos Bourbons. Duresnel tinha sido condenado a três anos de prisão por delito de imprensa, como gerente dum jornal liberal. Martim, comprometido na conspiração de Belfort, tinha-se refugiado na Inglaterra, onde residiu quatro anos, e donde voltou depois da amnistia.

Martim e Duresnel tinham conservado todo o ardor cívico da mocidade. Francos e sinceros republicanos, partidários da Comuna.

Martim, pondo a arma de parte.—Boa noite, sr.ª

Lebrenn, está fazendo ligaduras para feridas... é uma boa precaução, pois eu creio que, ao romper do dia, isto há de começar, e com furor. (Dirigindo-se à mulher de Marik Lebrenn.) Boa noite, sr.ª Henrion.

(Olhando para o berço e sorrindo). O seu filhinho Sacrovir é que há de ouvir amanhã uma música que lhe ha de agradar menos do que as cantigas com que se embalam e adormecem crianças...»

Henrion (sorrindo).—É bom que meu filho se habite desde bem novo a esta música, sr.ª Martim; talvez tenha de a ouvir muitas vezes, porque eu quero fazer dele um bom republicano, como o pai e o avô.

Jodo Lebrenn.—Que notícias nos trazem, meus amigos?

Duresnel.—Venho agora da redacção do *Nacional*, onde houve uma reunião de jornalistas da oposição.

Armando Carrel considera insensata qualquer tentativa de insurreição. Não pode admitir que uma população indisciplinada possa triunfar dum exército.

Martim.—Felizmente o povo não se guia pela opinião desse jornalista. A revolta alastraria-se a todos os bairros. Alguns ajuntamentos, intimados a evacuar a praça da Bôlha, atacaram a tropa e bradaram:

—Viva a Carta!—Abaixo o rei! Ao candieiro os je-

suitas de Polignac!

Duresnel.—Idêntico facto se deu na praça de Nossa

Senhora das Vitórias e no boulevard de São Denis.

Martim.—Até no bairro de S. Honório há prepa-

rativos para a luta. Amanhã, ao romper do dia, a ci-

dade de Paris estará cheia de barricadas. Afluirão

combatentes aos milhares; muitos impressionados

feriados a seus operários; o cervejeiro Maes, do atra-

balde Marceau, está preparado para ir para a luta, à

fronte dos seus operários. Ao atravessar a praça Delfina, entrei em casa do meu amigo Joubert, cuja livra-

ria está transformada num verdadeiro arsenal cheio de armas.

Duresnel.—Muitas lojas de armeiros foram invadi-

das. Eu encontrei na praça da Bôlha Estevão Arago,

levando uma carroça cheia de espingardas e espadas

para casa do cidadão Carlos Teste, encarregado de fa-

zer a distribuição delas aos combatentes. Há abundân-

cia de munições.

Martim.—Eu vi, esta noite, no arrabalde António,

mulheres e crianças transportando pedras para os an-

dares superiores das casas, para atirarem depois aos sol

soltados. O grito geral era: «Abaixo os pretorianos!

Morros, os oficiais!

A BATALHA

NO REGIME CAPITALISTA

A péssima situação da operária japonesa na indústria têxtil

A operária japonesa vive em condições económicas e sociais bastante inferiores. Os direitos políticos da mulher no Japão são nulos, e é só desde 1926 que ela tem, ao menos, o direito de assistir a uma sessão de caráter político. Mas está interdita de participar de qualquer agremiação que as leis considerem de orientação política. De modo geral, a mulher é equiparada socialmente a uma criança. É facil compreender-se, portanto, as inferiores condições da operária.

Todavia, as mulheres japonesas constituem 48 por cento da força de trabalho do país. Sem contar as que se empregam nos trabalhos agrícolas, são em número de 1.456.409 as mulheres operárias no Japão.

A indústria têxtil reúne o maior número de operárias. Nada menos de 761.794 mulheres a sofreram uma situação com todos os aspectos de escravatura. Descrevendo as condições em que vive a operária japonesa na indústria têxtil teremos uma noção muito próxima da situação que atinge toda a mulher trabalhadora do Japão.

Os industriais texteis vêm recrutar, de preferência, entre as famílias camponesas, as operárias de que necessitam nas suas fábricas. As mulheres recrutadas pelos *hōkō* (contratadores de meninas), são raparigas de 12 a 20 anos, apartadas das famílias desaparecidas nas grandes fábricas. Às vezes, as raparigas recebem abonos em dinheiro por conta do salário que deverão ganhar.

Os "contratadores de meninas" usam de violência quando isso convém aos interesses dos patrões. Outras vezes, levam-nas a sessões cinematográficas, onde lhes apresentam falsos aspectos da "vida desafogada" que se desfruta nas fábricas. São-lhes prometidas todas comodidades, todo o conforto e regalias pessoais e particulares.

O verdadeiro regime, porém, é de servidão. As fábricas montaram dois turnos de laboração: o primeiro, das seis horas da manhã às seis horas da tarde; o segundo, das seis da tarde às seis da manhã. As operárias trabalham ordinariamente onze horas, mas os patrões conseguem ainda que elas trabalhem uma hora mais sem pagamento extra.

O sistema de salário é muito complicado. Enquanto os homens trabalham por retribuição diária, as mulheres trabalham por empregos. A tabela é infinitamente infe-

Pensamento e ação no sindicalismo revolucionário

A alma e o corpo

A alma e o corpo são duas coisas distintas, separáveis?

Entramos num campo muito vasto; levantamos novamente um debate que tem posto uns contra os outros os estudiosos e os doutos apreciados com teses opostas.

Os que não estão obsecados por preconceitos religiosos não aceitam que o corpo humano tenha uma alma da qual se separe na ocasião da morte.

Afirmam que é a matéria que constitui o que se costuma chamar alma. O pensamento, a consciência, o sentimento, são depois produtos do corpo, isto é, da matéria, a qual aperfeiçoando-se através dos anos, dos séculos e dos milénios desenvolve o pensamento, cria uma consciência e sentimentos diversos, conforme ao ambiente em que o homem vive, segundo as suas condições físicas, psicológicas, económicas, etc.

Mas, então, se a alma não é separada do corpo, e deriva dêste, porque se exalta o espírito, como fazem os defensores de qualquer religião, e se condensa ou se despreza o corpo? Porquê no campo social se volatiliza a ideia, tornando-a coisa abstrata, e se considera desrespeitável tudo quanto diz respeito à realização das necessidades económicas, sociais, morais e espirituais do homem? Porque se consideram idealistas sólamente os que aspiram a um novo, ainda que não bem definido e longínquo arranjo social, e se nega a capacidade ideal a tudo quanto é realização do mesmo ideal, e se despreza, ou não se valoriza, a obra que, através de lutas e de sacrifícios, tentaram conquistar alguma parcela do ideal comum ou preparam o terreno favorável à sua realização integral?

E é por egoista a ação libertadora da classe operária só porque não consegue arrancar mais uma hora ou duas de liberdade, reduzindo a fadiga cotidiana, ou porque com a sua ação directa vence as forças reacionárias, e obtém um pouco de liberdade de reunião, de associação ou de greve?

E é em vez disso idealista sólamente aquele que, imerso no seu belo sonho, canta a liberdade, a igualdade, o amor; mas não põe mãos à obra para a realização do sonho que não é realizável dum só vez e inteiramente, mas que se torna realidade através de ensaios, ora lentes, ora repentinos, que reclamam condições e circunstâncias favoráveis, esforços de vontade, colectiva e ações de massa?

O pensamento não se pode separar da ação, para que o ideal se possa realizar, como a alma não pode existir sem o corpo; que é este mesmo.

O corpo e a alma, o pensamento e a ação são indissociáveis no homem, como nas colectividades humanas, que condições, interesses e aspirações reúnem em organismos de classe, nos sindicatos.

Mas o sindicato, forma concreta de organização da classe trabalhadora, é um corpo sem alma, isto é, um instrumento de luta sem conteúdo ideológico?

Isto não é possível. O sindicato não é uma residência, nem um registro, e nem mesmo uma curta ou longa série de caderetas ou de livrarias sociais. É um aglomerado de homens — no nosso caso de trabalhadores — que se unem, constituindo um só corpo que tem por fim (eis a alma, o ideal) a emancipação social. Os melhores esforços, morais, etc., são apenas etapas da grande marcha para a completa realização das aspirações comuns de liberdade e igualdade social.

Mas não faltam os que negam todo o conteúdo idealista aos aglomerados prole-

Sobre organização

A ideia de organização

Nestas circunstâncias era natural que a ideia de organização abrisse caminho entre os trabalhadores. As próprias condições e as amargas experiências de toda a hora martelaram no seu cérebro a ideia duma estrita agrupação para defender os seus interesses. Cada indivíduo sentiu a sua imponência pessoal nesse novo joga e buscou força e auto-confiança na união com os seus companheiros de sofrimento. Assim nasceram as primeiras sociedades industriais como primeira forma do movimento operário moderno que se desenvolveu com assombroso rapidez.

Ainda que moderadas fossem as aspirações dos trabalhadores, limitadas sómente a gestos naturais por espírito de conservação, o capitalismo via com franca desconfiança, com ódio e com temor esse novo movimento e as suas organizações. Foi assim que o parlamento inglês aprovou uma lei, em 1800, a favor do capitalismo industrial e que proibia aos operários toda a organização que se ocupasse do melhoramento da sua situação económica. O governo fundamentou essa medida vergonhosa no pretexto de ter que impedir a introdução das ideias revolucionárias de França.

Mas com essa medida produziu-se uma irritação geral entre os trabalhadores. Longe de submeterem à lei tirânica, os trabalhadores utilizaram-se de todos os meios, para a burlarem e neutralizar os seus efeitos. Publicamente fundaram sociedades de socorros, caixas para enfermas, de enterro, etc. Mas, por detrás de todas estes organismos, estavam as sociedades industriais secretas e as fraternidades que actuavam em favor dos interesses dos trabalhadores. As perseguições draconianas do governo contra os trabalhadores pioraram a situação. As lutas económicas, dirigidas pelos sindicatos clandestinos, assumiram um carácter extraordinariamente irritado e em não poucas vezes chegaram à rebelião armada. Os operários destruíam as instalações mecânicas, incendiavam as fábricas, arruinavam as matérias primas e castigavam com a morte os traidores. A mimo dessas lutas adquiriram tais dimensões que o governo viu obrigado a intervir militarmente contra os operários rebeldes. As uniões sindicais secretas deviam contribuir com graves sacrifícios. Centenares dos seus melhores e mais abnegados membros foram arremessados para as prisões ou degradados para longínquas colônias, onde a maioria pereceu ou se inutilizou sem ter podido regressar d'ol'ar. Mas as piores perseguições não bastaram para quebrar o movimento nem destruir as suas organizações. Os trabalhadores resistiram contra todas as medidas do Estado e dos capitalistas, até que em 1825 foi finalmente vencido o reconhecimento dos sindicatos, a pesar de continuarem expostos a constantes perseguições.

Esta primeira fase do movimento operário caracterizou-se simplesmente pelas discordâncias mais salientes da economia capitalista, mas sem a atacar de frente. Pelo contrário: sonhava-se, então, com uma harmonia entre o capital e o trabalho, que deveria ser garantida pela organização sindical dos trabalhadores. Os operários lutavam-se com a luta por salários mais elevados, por mais curta jornada de trabalho e melhor tratamento nas fábricas. Nessas lutas contra o capitalismo usaram de todos os meios que a organização económica colocava à sua disposição, ou seja, a greve, o boicote, a sabotagem, etc.

Rodolfo RODER

Salão de Festas da Construção Civil

CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º

SABADO, 16 DE ABRIL DE 1927

ÀS 21 HORAS PREFIXAS

Grandiosa feira promovida pela Comissão Escolar do Sindicato Único da Construção Civil em benefício das suas escolas

Subindo à cena uma engraçada comédia em 3 actos e que grandes aplausos tem obtido ultimamente neste Salão. Foi confiado o seu desempenho ao excenteiro Grupo Dramático Solidariedade Operária e será interpretada por D. Guilhermina de Almeida, D. Elvira Guedes, D. Domingos Bibi, meninas Ivone Guedes, Darlinda Marques e os srs. José de Almeida, José Esteves, Daniel Silva, Eduardo Ortiz, Carlos de Oliveira, Inácio Marques e José Natário.

Convidamos todos os camaradas e suas famílias a assistirem a este espetáculo, que além de constituir um valioso auxílio para as escolas, é um dos espetáculos mais interessantes pela originalidade da comédia e pelo seu agradável desempenho. O distinto Grupo Musical "Os Bichinhos" executará as melhores peças do seu variado repertório. Os bilhetes podem ser procurados na administração de *A Batalha* e no confinio da sede.

gênero individualista que, antes de tudo, é anti-socialista. O ideal e a organização (a alma e o corpo) da Primeira Internacional só se encontram no moderno sindicalismo revolucionário, querer dizer, na nova Associação Internacional dos Trabalhadores, que tem a mesma forma organizadora daquela e o mesmo conteúdo ideológico fundindo na classe trabalhadora — nos partidos — o pensamento e a ação do proletariado revolucionário que não pode ser senão socialista e libertária.

Socialista pois que a aspiração à emancipação da classe trabalhadora não encontra a sua concreta realização senão transformando a organização da sociedade, baseando-a numa nova forma de produção e de propriedade — forma social que assegure a todos os trabalhadores a posse comum dos meios de trabalho e de cultura — de consumo e de gôzo material e espiritual.

Libertário porque toda a aspiração humana, e principalmente a aspiração dos proletários — os mais escravizados entre os homens da sociedade moderna — não pode ter como pressuposto e para seu coroamento, na sua ação prática, senão a liberdade. Liberdade que deixa de ser um privilégio de classe, desde que deixe de existir toda a razão de luta de classe com o desaparecimento de toda a divisão social perante a colectividade humana, produtora e destruidora dos benefícios do produto comum.

O sindicalismo revolucionário — que não morre, a pesar da preocupação de todos os astrólogos dos extremismos políticos... que se tocam — é o regresso às fontes organizadoras e idealistas da Primeira Internacional, isto é: ao socialismo operário, revolucionário, que no primeiro período encontrava concórdia tôdas as frações socialistas naquelas ideias comuns de que se fez acima menção, e que constituiam aquele magnífico mosaico, que hoje de bom grado se despreza... para substituí-lo porém a admiração e a idolatria das massas, encorando-o na estreita cípula do partido.

O socialismo operário da Primeira Internacinal é um ideal que não encontra o seu lugar no partido social-democrata e comunista, mas nem mesmo num partido anarquista, se este tivesse, por acaso, de surgir; e muito menos naquela movimento hetero-

A dedicação por outrem é admirável, a dedicação por uma ideia é sublime

CRÓNICA DO ESTRANGEIRO

Os objectivos da política burguesa do presidente Calles

Vai a caminho de Roma o cardeal mexicano, D. Pascual Diaz, E' o mensageiro que leva a nota desoladora da derrota sofrida pelo catolicismo na república do México. A eminentíssima autoridade da Igreja encontra-se agora no exílio, pois o presidente Calles não quer que D. Pascual Diaz volte ao México. E' que pesa sobre Mr. Diaz a gravíssima acusação de chefe supremo de uma conjura religiosa — que dizemos! católica — contra o governo mexicano, e o presidente Calles usa para sacudir de vez um inimigo sectorário o mesmo processo, talvez mais benigno, que na Europa as sumidades e as humildades da Igreja tanto aplaudem e são empregados contra os seus adversários.

Ao cardeal D. Pascual Diaz o abandonou a graça de Deus e os sacerdotes satânicos o cominham severamente. A imprensa de Paris, por exemplo, declarou a suma autoridade do clero mexicano que no seu país nenhumas circunstâncias favorece o restabelecimento da antiga situação do catolicismo no México. Não leva, pois, o intento de incutir a menor esperança no "coração amantíssimo" do Papa. Calles é demasiado energético e o regime, republicano, liberal, preventiva socialista, está tão fundamentalmente arrigado na alma popular que nenhuma mudança do regime é lícito aguardar-se. Assim falou à imprensa católica de Paris o cardeal mexicano D. Pascual Diaz.

Desejamos esclarecer quanto sabemos a opinião do cardeal, não tanto para exaltá-la quanto para informar os leitores desta nossa folha sem religião nem preconceitos de carácter algum. A Igreja, como se observa em todo o mundo, é na república mexicana a expressão mais reacionária. Ela representa a enorme força da propriedade feudal numa república socialista-democrática. O sistema de produção agrícola tem ainda um acentuado carácter feudal e a Igreja não permite que esta tradição se apague, não por crença ou princípio, mas porque os proprietários são adeptos do catolicismo e garantem assim um largo rendimento à Igreja.

A burguesia industrial, capitalista, democrática monopoliza os poderes do Estado e trata de aniquilar energicamente o seu poderoso inimigo clerical. O presidente Calles iniciou a sua política económica com o cerceamento dos privilégios do catolicismo, favorecendo com esta política o desenvolvimento económico e capitalista da burguesia. E como a burguesia, republicana e nacionalista, pretende arrancar a propriedade e a indústria da subjugação por elementos estrangeiros, incluindo nestes os católicos, que bem se parecem com os seus inimigos judaicos nestas questões de pátria e de regime, é a burguesia que com o seu dinheiro e a sua cultura apoia francamente o diabólico Calles que nunca deixou de ser um socialista burguês.

O presidente Calles procura orientar a revolução burguesa num país dominado pela finança estrangeira e sugado pelo catolicismo. De sentido democrático, compreende-se que tenha aspectos revolucionários a pétina política de Calles. É claro que a política burguesa de Calles vai ferir os interesses de várias potências, como, por exemplo, a França, onde se demorou alguns dias o cardeal D. Pascual Diaz, chefe dum complot que teria o apoio das potências que pretendem manter o seu domínio sobre a Igreja.

A burguesia industrial, capitalista, democrática monopoliza os poderes do Estado e trata de aniquilar energicamente o seu poderoso inimigo clerical. O presidente Calles iniciou a sua política económica com o cerceamento dos privilégios do catolicismo, favorecendo com esta política o desenvolvimento económico e capitalista da burguesia. E como a burguesia, republicana e nacionalista, pretende arrancar a propriedade e a indústria da subjugação por elementos estrangeiros, incluindo nestes os católicos, que bem se parecem com os seus inimigos judaicos nestas questões de pátria e de regime, é a burguesia que com o seu dinheiro e a sua cultura apoia francamente o diabólico Calles que nunca deixou de ser um socialista burguês.

O presidente Calles procura orientar a revolução burguesa num país dominado pela finança estrangeira e sugado pelo catolicismo. De sentido democrático, compreende-se que tenha aspectos revolucionários a pétina política de Calles. É claro que a política burguesa de Calles vai ferir os interesses de várias potências, como, por exemplo, a França, onde se demorou alguns dias o cardeal D. Pascual Diaz, chefe dum complot que teria o apoio das potências que pretendem manter o seu domínio sobre a Igreja.

PARIS, 12.—Ficou definitivamente concluído o acordo entre o Banco de França e de Inglaterra.

Este restituírá àquele 18.350.065 libras ouro.

Segundo o mesmo acordo, a reserva metálica do Banco de França ficará sendo a de 100 milhões de rublos.

O ministro das Finanças confirma o desmentido do secretário dos estrangeiros relativamente a um suposto acordo financeiro franco-soviético. (L.)

Em Penafiel, não obstante terem denunciado e conseguido encarcerar, há já longas semanas, um nosso camarada, tentam praticar a maior das infâmias. Esse camarada era um dos únicos que naquela cidade conservava uma moral condigna — a moral que caracteriza todo o idealista austral. Os monárquicos e católicos auxiliados por essas senhoras decotadas, mais frívolas do que outra coisa, tentam convencer a sua comitiva para baptizar os filhos pela Igreja, do que resultaria para aquele camarada uma dôr profunda na sua alma sincera de homem consciente. Prometeu que depois de esse acto praticado, nada faltará em casa.

Que só éste facto sirva de incentivo a todos os homens de bem, que se sentem acalentados por um ideal de justiça e de beleza, de paz e de perfeição humana. Que todos absolutamente se apressem a enviar qualquer obulho para atenuar as vítimas do ódio rancoroso da reacção preponderante.

Abri subscrições nos logares de trabalho, cotisavas semanalmente com qualquer quantia, se não quereis ser cúmplices de actos indignos e repugnantes como aqueles que pretendem executar os reacionários de Penafiel e de outras localidades do Norte do país.

Hoje, mais do que nunca, se torna necessário que a palavra Solidariedade deixe de ser só a palavra para se converter no mais sublime gesto humanitário!

Lamenta pois esta comissão, que as circulares não tenham alcançado o êxito que seria para desejar, não obstante o seu já expedito há duas semanas. Que quem quer dentro do seu peito a chama duma ideia, não espere que receba circulares ou apelos directos. Que cada um procure na medida das suas forças roubar um pouco a pouco que usinhe, em benefício de dezenas de camaradas nossos que se encontram enclausurados.

Pórtor, Abril de 1927.

O Comitê de Relações da F. A. R. N.

Todas as importâncias com destino a este organismo, devem ser endereçadas com a respectiva notificação à administração de *A Batalha*. Os que tiverem endereço do local de correspondência deverão enviá-lo directamente.

GENEBRA, 12.—Os jornais elogiam o acordo entre os jornais de França e de Inglaterra, confirmando que o pagamento inicial das divisões de guerra francesa se deve à política financeira ultimamente posta em prática.

BERLIM, 12.—Descobriu-se em Hamburgo uma fábrica de selos de imposto que se apoia nos maços de cigarros.

O estado ficou defraudado em 2 milhões de libras.

Foram feitas vinte prisões. (L.)

Para que se creia no